

A DIFICULDADE DE UM DIRETOR EM MANTER A DECUPAGEM COM ATORES MIRINS

MATEUS BRUM DE ARMAS¹; MARÍLIA SHEILA DOS SANTOS²;
JOSIAS PEREIRA³

¹UFPEL – *Mateus.armas@gmail.com*

²UFPEL – *mariliamortican@gmail.com*

³UFPEL – *josiasufpel@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Em março de 2017 os alunos do quarto semestre de cinema e audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl) gravaram um filme para as disciplinas direção de atores e direção de arte. O curta-metragem “Rosana Pereira” já estava em planejamento há alguns meses antes do início das gravações, desde concepções de arte, storyboard, elenco, locações e figurino. Nesse trabalho iremos debater sobre as dificuldades de manter a decupagem pré-planejada em filmes com atores mirins, usando como referência a experiência no curta-metragem “Rosana Pereira”, filme que contou com mais de 5 crianças em seu elenco.

O enredo do filme é baseado na esquete de teatro “Loira do Banheiro”, criada e interpretada por Lucas Peraça, que protagonizou o papel na adaptação para o cinema. Tanto a peça de teatro como o filme, seguem a trajetória de Rosana Pereira: um fantasma que foi esquecido. Na adaptação para o cinema, foi introduzido um novo personagem, chamado Laila: uma menina de aproximadamente oito anos que, após conhecer Rosana, resolve ajudar o fantasma a assustar pessoas novamente, começando por mudar completamente a aparência da personagem em questão. Dessa forma, levando-a para a escola onde estuda e, deste modo, Rosana poderia “entender” os medos das crianças através de uma espécie de “pesquisa de campo”.

Apesar de já ter previamente todas as concepções do filme definidas, quando as gravações se iniciaram, a equipe se deparou com alguns problemas e imprevistos causados pela dinâmica diferenciada dos atores mirins que participavam do filme, de forma que eles não acompanhavam as extensas horas de gravação. Com essa situação, a equipe precisou repensar suas concepções iniciais, e para entender esse processo, vamos analisar as principais referências de arte e mise en scène como também a situação dos atores na realização do filme.

2. METODOLOGIA

Por ser uma adaptação de esquete teatral cômica, a decisão do diretor foi direcionada em manter essa comichidade e explorar um pouco o lado “lúdico” do filme sem perder o tom “fantasmagórico” da esquete original.

Foi, portanto, decidido manter os dois universos: exagero de sombras e luz nas cenas em que a personagem Rosana aparece sozinha e um exagero de cores vibrantes nas cenas em que a personagem interage com as crianças.



(Cenas do curta Rosana Pereira, Pelotas, 2017).

A maior referência estética para o filme foram os filmes de Woody Allen, que se caracterizam por ter vários personagens em tela com movimentos quase que coreografados, diálogos absurdos e um cuidado especial com cores, trazendo um tom “aconchegante”.

A *mise en scène* dos filmes de Allen se encaixavam perfeitamente no contexto de “Rosana”, já que haviam muitos personagens infantis, naturalmente o filme precisaria de uma “movimentação vibrante” em tela.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as gravações, observamos que a energia das crianças ia diminuindo com o passar dos repetidos takes e planos, com isso, foi necessário dar prioridade a este problema, já que ele refletia diretamente na qualidade do filme. A equipe optou por agilizar ao máximo a parte técnica, utilizando duas câmeras e com isso dinamizando a produção, além de modificar a decupagem no momento das gravações, optando por planos gerais mais contemplativos contendo apenas as informações necessárias para o andamento da história, evitando assim o desgaste dos atores mirins, porém ao mesmo tempo arriscando a possibilidade de uma possível quebra de eixo ou continuidade, afinal, os planos eram praticamente reinventados no momento das filmagens, apesar da necessidade de adaptação, os planos finais ficaram bastante similares as concepções de storyboard.



Comparação entre os rascunhos de referência e o resultado final



4. CONCLUSÕES

No caso de Rosana Pereira o roteiro foi apenas um “esqueleto” para a montagem do filme, e apesar das várias alterações e de muitos planos improvisados, o filme conseguiu capturar a essência original do roteiro e das concepções, trazendo a energia vibrante nas cenas com crianças, um tom fantasmagórico nas cenas isoladas de Rosana e explorando a comicidade e o lúdico da narrativa.

Desprender-se dos conceitos originais e focar apenas nas informações essenciais para a narrativa é um exercício fundamental na formação de um bom diretor, principalmente no que diz respeito a identificar os pontos cruciais da narrativa. Uma vez que quanto melhor esclarecido estiverem os principais pontos narrativos, mais fácil se tornará para o diretor resolver problemas ou ser maleável a diferentes situações de set que exijam uma mudança rápida ou um re-planejamento. É fundamental estar em sintonia com as ideias e o que se quer da obra para que ela possa ocorrer com maior fluidez e ter resultados mais próximos do idealizado.

A obra cinematográfica é praticamente viva, o diretor e a equipe a planejam e a veem tomar vida, e, em certo momento devem caminhar junto com ela e ver quais novos caminhos pode trazer, que por vezes podem ser muito mais produtivos e interessantes que a concepção original. É extremamente importante ser bastante claro, flexível e estar atento a qualquer novidade narrativa que pode ocorrer dentro de um set.



5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Rosana Pereira – A Loira do Banheiro. Direção: Mateus Armas. Produção: Robson Zago. Pelotas – RS, 2017. 18 min. Son, Color, Formato: 1920x1080p. Disponível em: https://youtu.be/JbuURw6J8_Q

OLIVEIRA, Luis Carlos. O cinema de fluxo e a mise en scène. USP – 2010.

PINTO, Carolina. A mise en scène e o cinema de fluxo. Campinas: Papirus Editora, 2013.

Crisis in six scenes. Direção: Woody Allen. Produção: Woody Allen. New York - US, 2016. 30 min. Son, Color, Formato: 1920x1080p. Disponível em: <http://www.imdb.com/title/tt4354616/>